

## “ ESSE GUNGA É MEU! ”: A GINGA FEMINISTA E AS MUDANÇAS NA TRADIÇÃO NA CAPOEIRA ANGOLA”

Camila Maria Gomes Pinheiro <sup>1</sup>

**Resumo:** Partindo de uma perspectiva feminista, neste artigo realizei uma análise sobre a atuação das mulheres nos espaços de lideranças e como essa novidade vem provocando mudanças no modo de entender e reescrever a tradição na capoeira angola. Percebi a ginga feminista como campo do conhecimento que tem adentrado as rodas de capoeira, invadido as discussões dentro dos grupos e impulsionado uma série de indagações críticas sobre a maneira como as práticas machistas estão sendo reproduzidas nas rodas e contestadas pelas mulheres. A partir da análise da trajetória do grupo Nzinga, fundado pela mestra Janja, localizado na cidade de Salvador-Ba, foi realizada uma reflexão sobre a construção do feminismo angoleiro como um fenômeno recente na história da capoeira. Neste ponto, procurou-se identificar a disseminação de uma ginga feminista, a partir do desenvolvimento de novas formas de contestação e de denúncia relacionadas as desigualdades de gênero presentes na capoeira. As estratégias para enfrentar as resistências das mulheres num universo masculino tornou a capoeira uma arma política e uma potente ferramenta para autonomia e o empoderamento das mulheres. Este trabalho foi arquitetado a partir da observação atenta dos caminhos trilhados pelas mulheres nos espaços de poder, nos quais identifiquei um processo de ressignificação da tradição da capoeira angola nos últimos anos.

**Palavras-chave:** capoeira angola, feminismo angoleiro, ginga feminista, tradição, empoderamento.

### A ginga feminista redesenhando a tradição na capoeira angola

A capoeira desde seu conhecimento na sociedade brasileira até meados da década de 90, foi um espaço predominantemente marcado pela presença masculina, onde a atuação das mulheres foram invisibilizadas e silenciadas pelo discurso tradicional feito pelos homens. Nesse processo ressalto que as relações de poder definem o lugar de fala e quem deve falar, por isso o silêncio também fala, inclusive denuncia esta operação de silenciamento. Portanto, argumento que a operação de silenciamento das vozes das mulheres na tradição da capoeira atua como mecanismo de perpetuação e manutenção da dominação masculina. Neste contexto, não é de estranhar a constituição de um modo de pensar a tradição sempre pelo olhar e pelo dizer do homem. Contudo, trazendo a reflexão para a atualidade, essa realidade tem apresentado algumas mudanças em suas estruturas até então intransponíveis. Para refletir sobre estas questões, a pesquisa se debruça sobre o Grupo N'zinga de Capoeira Angola, fundado

---

<sup>1</sup> Vínculo institucional. E-mail.

pela mestra Janja<sup>2</sup>, posteriormente somaram ao grupo a mestra Paulinha<sup>3</sup> e o mestre Poloca<sup>4</sup>. O grupo está localizado na cidade de Salvador, na comunidade Alto da Sereia. Este trabalho foi arquitetado a partir da observação atenta dos caminhos trilhados pelas mulheres nos espaços de poder, nos quais identifiquei um processo de ressignificação da tradição da capoeira angola nos últimos anos. Esses espaços não dizem respeito apenas à liderança dos grupos, mas também tem a ver com o comportamento das mulheres, especialmente, nas rodas de capoeira, que é o lugar onde o jogo acontece.

O que venho apresentar neste texto são dois elementos indissociáveis que possuem uma relação de interdependência na luta feminista dentro da capoeira angola: a ginga feminista e o feminismo angoleiro. Para compreender essa relação entre ginga, capoeira e feminismo, a mestra Janja nos diz que “os fios condutores da capoeira angola nos aproximam do entendimento sobre valor e o lugar do jogo na atividade humana, sendo ele próprio um espaço de construção que se faz com outra pessoa” (p. 4, 2017). Seguindo essa óptica, observei que o feminismo angoleiro trata-se de uma construção coletiva que ganha forma na prática, no jogo, no canto, na letra das músicas e principalmente na ginga do corpo. Para mestra Janja, podemos entender o feminismo angoleiro como um movimento político que

passa por compreender os esforços das mulheres iniciadas na tradicional capoeira angola em promover o seu entendimento sobre a própria capoeira, para além de um jogo corporal, como um jogo político em que estão colocados aspectos das resistência cultural e da memória dos povos negros, ainda que não mais apenas inserida exclusivamente nos chamados “espaços negro”, bem como para além das fronteiras nacionais. (p.1, 2017)

Identifiquei o grupo Nzinga como pioneiro no debate sobre a mulher na capoeira angola, além de ser referência para as redes de mulheres capoeiristas que estão se formando pelo mundo e desenhando uma ginga feminista. A organização dos encontros de mulheres feministas na capoeira angola, representa um exemplo de mobilização política em prol de uma ginga que pense e inclua no jogo da capoeira o corpo feminino e suas performances, levando em consideração suas particularidades sejam fisiológicas, culturais e históricas. Desse modo podemos afirmar que dentro de uma sociedade culturalmente marcada pelo patriarcalismo, a construção desses espaços possibilita uma

---

2 Rosângela Janja Araújo é mestra de capoeira angola e fundadora do grupo Nzinga, professora Associada do departamento de Estudos de gênero e feminismo da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia- DEGF/FFCH/UFBA.

3 Paula Barreto é pe mestra de capoeira no grupo Nzinga e professora Associado IV do Departamento de Sociologia e docente do Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Coordenadora do Grupo de Pesquisa A Cor da Bahia na UFBA

4 Paulo Barreto é geógrafo e arte-educador. É mestre no grupo Nzinga.

formação de redes de comunicação e solidariedade entre as mulheres. Mestre Janja Araújo aponta a importância deste processo

É aqui que a ginga e o gingar é tomado como uma metalinguagem com capacidade de articular, de maneira ad-artística, ad-linguística, aspectos recursivos de uma luta que se faz em meio à muitas outras. É no cenário destas lutas que queremos chamar a atenção ao lugar destinado e ocupado pelas mulheres(2017, p. 9).

A ginga feminista se apresenta como campo de conhecimento que tem adentrado as rodas de capoeira, invadido as discussões e impulsionado uma série de indagações críticas sobre a maneira como as práticas machistas estão sendo reproduzidas de um modo geral nos grupos. Os modos de violência (física e simbólica) ganham forma não apenas nas letras das músicas, mas são expostas visivelmente, principalmente, nos jogos. Podemos citar algumas formas de violência e exclusão das mulheres nas rodas como: assédio nos grupos, não deixar que a mulher tocar o berimbau, ou o atabaque, não permitir que a mesma inicie um canto de abertura na roda<sup>5</sup> e, só reconhecer o momento dela na hora de samba/r. Além dessas atos citadas podemos identificar outras formas de violência contra a mulher na capoeira, como afirma mestre Janja:

Vimos coisas dentro do mundo da capoeira que são de extrema violência: abuso sexual, estupro, chantagem, abusos nos relacionamentos (quando a mulher termina um relacionamento com parceiro dentro da capoeira dificilmente ela consegue permanecer no mesmo grupo), abuso patrimonial, etc. Existem várias formas de violência que são explícitas e outras que atuam com a mesma eficácia porque atuam pelas omissões. Vimos que isso acontece tanto na estrutura social quanto dentro da capoeira. Percebemos que assim como dentro da sociedade não podemos mais esconder esses problemas também dentro da capoeira temos que dar voz pública (ABREU; CASTRO, 2009, p. 201).

Estas práticas apontadas pela Mestre Janja, ainda são encontradas com frequência<sup>6</sup> na capoeira. Alguns recursos que restringem e segregam o espaço da mulher na capoeira, ainda são utilizados como regras nos grupos, servindo como guia de entendimento do que seja a tradição por parte de alguns mestres. É importante destacar que quando se questiona a tradição, estamos falando de um termo nativo que é acionado pelos homens para justificar os seus privilégios como algo que está dado na sociedade e que não pode sofrer nenhum tipo de alteração ou mudança. Nesse processo, são

---

<sup>5</sup>Ladainha.

<sup>6</sup>Recentemente aconteceu um caso de violência na roda de capoeira na qual um dito “mestre”, durante um jogo com uma mulher, a beijou nas nádegas.

desenvolvidos mecanismos de poder, que impossibilitam o reconhecimento da mulher como sujeito capaz de entrar na roda para jogar, definindo a capoeira como um espaço sexista. Um dos espaços de enfrentamento é a própria roda de capoeira; é lá que o machismo tem sido questionado e deve ser combatido para que as estratégias de lutas possam ganhar força e expandir para a roda da vida. Nos encontros feministas, as mulheres expõem suas dificuldades para permanecer na capoeira, as suas frustrações, compartilham suas experiências e criam espaços de acolhimento. Mestre Janja, expõe sobre como a gente se faz capoeirista,

A gente se faz capoeirista dentro da capoeira, treinando e atendendo às exigências que a capoeira faz. As exigências que a capoeira me faz, tem que serem entendidas como as mesmas que fazem aos homens. Exige de mim uma série de mudanças assim como ela exige mudanças dos homens, de maneira que possamos olhar e nos reconhecermos como participantes de uma mesma construção, baseada na igualdade (ABREU; CASTRO, 2009, p. 202).

A mobilização das angoleiras feministas, podemos citar como exemplo a RAM (Rede de Mulheres Angoleiras), tem atraído para o campo da capoeira uma diversidade de mulheres, o que tem contribuído para a construção de um tipo de movimento político na capoeira: o Feminismo Angoleiro. No entanto, gostaria de evidenciar que o feminismo ao qual me refiro não se trata, especificadamente, do feminismo clássico Ocidental, teorizado e experienciado pelos movimentos feministas do Ocidente.

O Feminismo Angoleiro trata-se de um fenômeno recente na história da capoeira angola (meados dos anos 90) que surge dentro do movimento de mulheres capoeiristas e situa a capoeira anteriormente ao próprio feminismo. Portanto podemos concluir que neste processo há uma formação política das mulheres na capoeira à medida que ocorre a incorporação das pautas feministas, conectando a pequena roda, onde o jogo da capoeira acontece e a grande roda, que simula a roda da vida. Sendo assim, essa dinâmica nos permite perceber que os espaços estão sendo reconstruídos, e em conjunto, quando se aprende a lidar com o outro, tem-se uma compreensão de convívio com as diferenças, sendo essa a perspectiva adotada pelo grupo Nzinga. De acordo com a mestra Janja, no Feminismo Angoleiro,

tomamos a capoeira como um campo de conhecimento inserido num contexto das epistemologias africanas no Brasil, dinamizada em seu caráter anticolonialista, antirracista e, mais recentemente, em seu caráter antissexista, entendendo mesmo em seu contexto o feminismo angoleiro como uma

evidência de construção da equidade sócio-cognitiva e que posiciona a vida das mulheres negras num gingar que, como num jogo infinito, tem o propósito de nos manter em movimento lutando-jogando..(p12, 2017)

O feminismo que está constituindo e disseminando uma nova ginga para capoeira parte das experiências de vida das mulheres na América Latina. Partindo da concepção de Araújo, compreender-se a ginga feminista como um modo de ser e estar na capoeira

Tomando a capoeira como um jogo, situamos o entendimento de uma possível aquisição de estratégias sobre um suposto “jeito de ser” cujo arcabouço encontra na ginga (e no gingar) a matriz de todas as demais construções cabíveis a um comportamento mediado numa ética própria, muitas vezes escorregadia às arestas da racionalidade (ARAÚJO, 2017, p. 10).

Para situar a discussão em torno dessa temática deve-se compreender que o patriarcado surge no eixo colonial. No entanto, admito que para uma melhor compreensão do Feminismo Angoleiro precisei beber de outras fontes, busquei feministas que pensam a produção do conhecimento associada às experiências e práticas de vida pautadas nos saberes populares originários de comunidades indígenas, quilombolas, andinas, africanas. Foi a partir do conhecimento de autoras dominicanas e ativistas do feminismo negro, latino americano e caribenho, como Ochy Curriel e Yuderks Espinosa Miñoso que puder ter uma dimensão do que vem a ser uma nova ginga para a capoeira angola.

Para tanto foi preciso reposicionar a discussão, antes de tomar o modo de luta feminista ocidental como universalizante, pois ambas as lutas estão situadas num plano geopolítico onde o capitalismo fundou suas próprias bases de sustentação, sob um regime de exploração do trabalho humano. É de extrema importância compreender também as sequelas deixadas pela colonização, e problematizar os modos de conhecimento e as formas de luta dentro do campo do feminismo. Deste ponto é que se deve compreender as críticas do pensamento Descolonial, pois estas carregam como proposta uma oposição a uma razão racista e heteronormativa imperial. Para Miñoso,

Primero porque hace una revisión al mismo concepto de mujer en su pretensión de universalidad, y segundo porque tampoco cree en esa mirada lineal de la historia donde siempre todo pasado ha sido peor, o toda manera de organización social y de relaciones sociales que han excedido la modernidad se ven siempre como pasado o algo que habría que superar. El feminismo decolonial trata de pensar acerca de estas dos cosas. Al menos

desde mi mirada, porque justamente ahí debería decir que como es un proceso en construcción existen muchos debates, es un campo en disputa donde hay diferentes actores/as que están tratando de lograr, de pensar esa idea del feminismo en su relación con la decolonialidad<sup>7</sup>.

O que se precisa fazer com discernimento é compreender que existe uma diferença entre as lutas feministas e as reivindicações de pautas que direcionam o feminismo sob uma visão universalista. As lutas feministas que não estão inseridas nem compartilham as epistemologias modernas, ocidentais e eurocêntricas demarcam outro feminismo pautado em práticas e saberes tradicionais a partir de pessoas que tiveram acessos a conhecimentos comunitários, indígenas, afro-latinos. O Feminismo Angoleiro retoma diferentes propostas, onde suas bases se encontram no feminismo negro, que questiona a universalidade das mulheres. Para Janja

refletindo ainda os elementos que indicam no reconhecimento e na redistribuição o necessário enfrentamento de assimetrias nos seus processos formativos e a baixa representação nos espaços de poder e autoridade em meio à capoeiragem, objetivamos situar a presença feminina no contexto dos campos de estudos sobre capoeira, bem como inserir as lutas das mulheres capoeiristas nos contextos dos movimentos sociais de enfrentamento ao racismo e ao patriarcado. É nossa meta ampliar as produções do feminismo antirracista através da elaboração de estudos sobre as trajetórias destas angoleiras buscando analisar que condutas reposicionam, na atualidade, as mulheres nas condições de desordeiras, destemidas, valentonas ou mulheres da pá virada, como foram tratadas no início do século XX (ARAÚJO, 2017, p. 8).

Partindo do questionamento da “feminilidade”, o Feminismo Angoleiro se propõe a pensar as pluralidades de mulheres na capoeira, além de buscar avançar no debate em relação à desconstrução dessas categorias como universais. Não se fala de um tipo único de mulher, mas de uma diversidade: idosa, com ou sem deficiência física, mental, gorda, magra, preta, branca, indígena, quilombola, LGBTQ, trans, mãe, solteira, filha. Para Janja, a mestra do grupo, “apesar de entender e valorizar as experiências destas, as nossas vivências nas culturas tradicionais africanas nos chamam a permanecer convivendo nas diferenças, sendo esta, uma forma de articulação de novas aprendizagens” (ABREU; CASTRO, 2009, p. 205).

A problematização nas construções das narrativas históricas da capoeira leva ao rompimento de uma tradição de silenciamento das mulheres, o que de algum modo tem

---

<sup>7</sup>Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/feminismo-decolonial-una-ruptura-con-la-vision-hegemonica-eurocentrica-racista-y-burguesa/>. Acesso em: 18 jul. 2017.



promovido impacto aos modelos nativos que se autodefinem como tradicionalistas. Sendo assim, as tensões geradas, sobretudo pela desconstrução de papéis sociais, recebem impulso das teorias feministas, onde em termos práticos, e com frequência, a figura da mulher é alvo de todas as formas de rebaixamento e violências. Pode-se observar que as lutas travadas no âmbito da cultura popular tornam-se uma arena onde todos disputam o poder e querem ser reconhecidos. Apesar de muitas lutas não alcançarem seus objetivos mais desejados é importante não deixar de tecer uma reflexão sobre o que se está em jogo quando se disputa espaço numa tradição, além de identificar os sujeitos que disputam e para quem interessa a disputa.

No Feminismo Angoleiro, a capoeira prepara o corpo para ser usado como instrumento de luta política contra a opressão de classe, gênero e raça, e materializa possibilidades de respostas e ações práticas.

### **“Esse Gunga é meu!” – o empoderamento das mulheres na capoeira**

Para refletir como as relações de poder definem os lugares de fala, neste tópico apresento uma discussão articulando os conceitos ‘lugar de fala’ e ‘empoderamento’ às ações transformadoras das mulheres feministas na construção do Feminismo Angoleiro para a capoeira angola. No entendimento de Janja,

sendo este um exercício de enfrentamento à supressão de nossas experiências e subjetividades é que tomamos a capoeira como um campo de conhecimento inserido no contexto das epistemologias africanas no Brasil, dinamizada em seu caráter anticolonialista, antirracista e, mais recentemente, em seu caráter antissexista, entendendo mesmo em seu contexto o feminismo angoleiro como uma evidência de construção da equidade sócio-cognitiva e que posiciona a vida das mulheres negras num gingar que, como num jogo infinito, tem o propósito de nos manter em movimento, lutando-jogando (ARAÚJO, 2017, p. 13).

Dessa forma, para retomar o que venho discutindo ao longo do trabalho, sobre os processos de mudanças nos caminhos da tradicional capoeira angola, apresento duas importantes escritoras, a filósofa Djamilia Ribeiro e a arquiteta Joice Berth.

Djamila Ribeiro, ativista feminista, lançou seu livro ‘O que é lugar de fala’ como o primeiro da série “Feminismos Plurais” do grupo editorial Letramento, através do selo Justificando. O objetivo da coleção é trazer para o grande público o debate sobre os diversos feminismos de forma didática e acessível. A escolha de iniciar a série com o feminismo negro tem como interesse explicitar os principais conceitos e romper com a

ideia de que não se está discutindo projetos. Para Djamila Ribeiro (2017), pensar em feminismo negro é “romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar projetos, novos marcos civilizatórios, para que pensemos em um novo modelo de sociedade” (p. 14). Neste ponto, gostaria de destacar que umas das minhas dificuldades durante o andamento da pesquisa foi encontrar uma bibliografia feminista para compreender o processo analisado, que diz respeito a uma realidade específica: construção do feminismo angoleiro e o empoderamento das mulheres capoeiristas. A ausência de traduções e publicações de escritoras negras me fez constatar abismos na literatura feminista. Portanto, o lançamento dessa coleção foi de fundamental importância para um melhor entendimento da nova configuração política na capoeira. Contudo, muitas mulheres negras ainda encontram barreiras para acessar determinados espaços, que as localizam dentro de um processo histórico de invisibilização, legitimados por estruturas de poder. É importante destacar que a coleção feminismo plurais prioriza a escrita de mulheres negras, pois tem o objetivo de evidenciar como elas produzem o conhecimento para romper com as narrativas dominantes.

Partindo do questionamento sobre a ocupação dos espaços de poder, Djamila Ribeiro (2017) propõe uma descolonização do pensamento, na medida em que lança o questionamento sobre quem pode falar numa sociedade que legitima a voz do homem branco e heterossexual. De acordo com a autora, “o propósito aqui não é impor uma epistemologia de verdade, mas de contribuir para o debate e mostrar diferentes perspectivas” (p. 15). Dentro deste cenário específico, seguindo as orientações de Djamila Ribeiro (2017), que tem tomado conta das discussões nas redes de mulheres e se expandido para dentro dos grupos de capoeira, questiono sobre o que acontece quando as mulheres seguram o berimbau na roda e cantam uma ladainha. Para uma melhor compreensão, a professora e pesquisadora Somerlate (2001) define a ladainha como:

A ladainha é uma litania longa, uma narrativa introdutória que é entoada nas rodas da Capoeira Angola e que deve ser cantada por um mestre ou por alguém que tenha sua permissão ou respeitabilidade no universo da capoeira. É dirigida aos jogadores que vão entrar na roda e que, acorados ao pé do berimbau, concentram-se para participar do jogo. Enquanto ela é cantada, não se realiza “jogo físico”, aproveitando-se o momento para a compreensão da mensagem da letra que invoca ideias e valores importantes para o contexto do jogo em geral (p. 2).



A roda de capoeira pode ser entendida de diversas maneiras, mas o que há em comum no entendimento é que se trata de um espaço que se sacraliza por representar o lugar onde acontece o rito. Também é o lugar onde o/a capoeirista se apresenta para o mundo, através de suas performances. A roda de capoeira diz respeito a um mundo simbólico, onde cada gesto, cada jogo e canto, tem um significado e uma interpretação. A realização do ritual é o momento de comunicação do capoeirista (seja tocando, cantando ou jogando) com o mundo externo, ou seja, onde ele se expressa para o mundo de fora da roda. De acordo com Letícia Vidor Reis (1997), “o berimbau, ao mesmo tempo, é um instrumento de luta e um instrumento musical, o que leva a gente a pensar que a capoeira ela é ambígua. Ela é ao mesmo tempo, uma luta e uma dança. E o que faz tornar isso possível é a ginga. Então a ginga permite que o corpo lute dançando e dance lutando” (p. 123). É nesse espaço onde podemos perceber também o reflexo das mudanças promovidas pelas mulheres. Através de quem segura o berimbau, instrumento de maior poder na roda de capoeira, podemos perceber os avanços e limites das lutas das mulheres. O depoimento de uma capoeirista nos coloca diante dessa realidade ainda presente nas rodas:

Ser mulher é uma questão de resistência porque temos que vencer várias barreiras. Você está numa roda, e conseguir seu espaço ali na roda, para entrar, jogar, tocar um instrumento, não é uma tarefa fácil, principalmente quando se fala do instrumento de poder dentro da roda que é o Berimbau. Dentro desse processo de construção dentro da capoeira, a gente enquanto mulher que treinou em sua maior parte com homens, você ver aquele instrumento ali como uma barreira, pelo menos para mim ainda é assim. Para mim atualmente é o meu maior desafio, ter esse domínio, vencer essa questão de pegar o berimbau, de tocar, de cantar mais, de ter uma segurança. Acredito que é um processo, enquanto mulher na capoeira e de olhar normalmente quem está à frente segurando esses instrumentos, e o impacto que isso tem<sup>8</sup>.

Como foi destacado no tópico anterior, o grupo Nzinga é referência para as redes de mulheres capoeiristas que estão se formando pelo mundo e desenhando uma ginga feminista. De acordo com Joice Berth, arquiteta e escritora, o empoderamento trata-se de um processo coletivo, mas também depende de uma ação individual. Popularmente falando, esse processo não se efetiva da noite para o dia. O empoderamento se dá a partir do momento em que o indivíduo passa pelo processo de conscientização do lugar que ele ocupa, do papel que ele desempenha em determinado grupo e qual a sua função

<sup>8</sup> Jaqueline Deister, jornalista do jornal Brasil de Fato, capoeirista integrante do grupo Capoeira Angola Marron e Alunos. Jaqueline é aluna da contramestra Tatiana.

na sociedade, para que através disso possa fortalecer o coletivo na caminhada dentro de uma sociedade marcada por opressões de gênero, raça e classe. Portanto, o que Berth (2017) define como empoderamento “[...] é um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstroem e desconstroem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas (p. 42).

Na busca por novos caminhos, o Feminismo Angoleiro tem ganhando cada vez mais espaços nas rodas de capoeira por tentar reconhecer a realidade de uma pluralidade de mulheres. Por meio da participação nas atividades promovidas nos encontros de mulheres, observei que nesses espaços há uma proposta de avançar e superar as fragmentações das lutas e da análise. Neste ponto, destaco a ladainha feita pela Mestre Gegê para percebermos como esses pensamentos estão repercutindo em ações práticas:

Olha lá na minha casa  
debaixo do limoeiro  
na sombra do abacateiro  
Nossa senhora me olha  
Nossa senhora me olhou  
ela é a do Amparo  
foi ela quem me amparou  
Eu pra contar minha história  
não conto de uma vez  
Capoeira que me ensina  
angola quem me educou  
Eu não sou Maria Felipa  
eu não tenho a sua cor  
Mas eu me chamo Maria  
e nessa luta eu também estou!  
Camaradinha...

Na concepção de Berth (2017), quando se fala em empoderamento devemos ter o conhecimento de que estamos diante de um instrumento de luta social. O conceito foi pensado por Paulo Freire como uma ferramenta principal de conscientização dos grupos oprimidos, para que estes possam sair de seu lugar de opressão e esquecimento. Nesta perspectiva específica, ela diz:

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor (p. 14).

Neste ponto, acredito que os eventos promovidos pelo Niznga representam espaços de formação política, não apenas para as mulheres, mas para todos aqueles que participam, como os homens e as crianças. O Feminismo Angoleiro não enxerga no machismo um modo de opressão apenas para as mulheres, mas também na construção do sujeito masculino a partir de uma ordem heteronormativa. Sobre essa perspectiva Mestra Janja fala:

Homem também não é uma unidade homogênea. Mesmo dentro desses grupos, desse segmento, desse gênero, existem homens que se identificam uns mais outros menos com as estruturas heteronormativas que imprimem condutas muito específica, associada a valentia, a brabeza, a falta de lealdade, nem todos os homens se identificam ou mesmo nem todos atingem esses lugares de poder dentro da capoeira. Existe uma disputa primeiro entre eles e a gente também busca denunciar isso no sentido de perceber quando isso acontece a capoeira deixa de cumprir sua função porque ela passa a segregar mais do que incluir<sup>9</sup>.

No cenário observado, as mulheres atuam narrando e refazendo suas histórias, transformando as experiências de enfrentamento da vida cotidiana em estratégias de combate à opressão, discriminação e violência. Observei que o Feminismo Angoleiro tem proporcionado às mulheres um empoderamento através de ações práticas, manifestadas especialmente na roda de capoeira. Esse processo se efetiva por meio da criação de um repertório próprio, escrito, reescrito e cantado por elas nas rodas, principalmente na elaboração de músicas de capoeira que abordem suas realidades, através da ressignificação daquelas cantigas que rebaixam e desvalorizam o seu lugar.

Maria José Somerlate (2001), no artigo ‘As sereias cantam no mar: as mulheres nas cantigas de capoeira’, analisa a representação da mulher nas cantigas de capoeira, examinando a função ética e didática das letras das canções. Sobre essa mudança, a autora afirma que:

Tal inversão na ordem da letra da cantiga serve também para ajudar a mulher a prestigiar e a negociar a sua própria presença no jogo. Ao mudar a ordem das palavras no canto, elas lembram aos companheiros que a filosofia da capoeira prega a igualdade e o respeito. A mudança na ordem das palavras não parece ser uma simples reversão do binômio homem/mulher, mas uma conscientização de que as mulheres hoje constituem cerca de quarenta por cento da população que joga/estuda capoeira. A inversão serve, portanto, para advogar o princípio de que as rodas de capoeira são um espaço de mediação social, onde não deve haver discriminação de sexo, idade ou raça (p. 13).

---

<sup>9</sup>Mestra Janja em entrevista à Pulsar, julho, 2016.

O número de mulheres capoeiristas tem aumentado, o que tem fortalecido a luta pelo reconhecimento de sua participação no jogo. De acordo com Beth (2017), o empoderamento faz o sujeito político “criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade” (p. 14). O Feminismo Angoleiro trata de discutir a importância de incluir novos olhares e vozes de muitas outras tradições que são esquecidas, silenciadas sobre a história das mulheres. Desse modo, tem se apresentado por meio do protagonismo das mulheres, onde estas vem criando um repertório próprio nas músicas de capoeira.

O diferencial deste novo repertório se encontra, principalmente, na criação de músicas que abordam as narrativas das mulheres. O que tínhamos na capoeira até uns anos atrás era um conjunto de obras literárias, estudos acadêmicos, letras de músicas, narrativas históricas, mitos e lendas que priorizavam, reforçavam e valorizavam o lugar central do homem, sujeito masculino. O que estávamos acostumadas a ouvir nas rodas de capoeira tinha a ver com a realidade dos homens, onde estes teciam verdades sobre as próprias mulheres. No entanto, quando as mulheres tomam a frente de seus grupos, elas reconhecem seu potencial de mudança, utilizando de suas realidades para elaboração das estratégias de enfrentamento. Como podemos observar na ladainha abaixo, feita pela contramestra Tatiana:

Minha mãe lá vem o homem  
minha filha deixa vir  
eu não devo nada ao homem  
esse homem deve a mim  
ele diz que é provedor  
eita que provocação  
quando muito pouco ajuda  
não há participação  
mas homem é independentemente  
homem tem autonomia  
sua escolha é privilegio  
destino é covardia  
só não me diga provedor  
que é chefe de família  
senão ta com a tua mãe  
e nem ta com a tua avó  
camaradinha  
onde é que ta tua cria...<sup>10</sup>

A letra da música em destaque coloca na roda uma realidade social vivida pelas mulheres que são mães e que criam seus filhos sozinhas. Além de destacar essa

---

10Ladainha feita pela contramestra Tatiana, do grupo de capoeira angola no Rio de Janeiro.

experiência, a ladainha também faz uma reflexão sobre as contradições entre discurso de homem provedor sustentado pela dominação masculina e a ação de pai ausente transformado em questionamento pelo feminismo angoleiro.

Outro exemplo importante na interpretação e identificação do feminismo angoleiro atuando na roda de capoeira tem a ver com a formação da bateria<sup>11</sup> composta por mulheres. Todos os instrumentos necessários na roda de capoeira – como atabaque, agogô, pandeiro, reco-reco, três Berimbaus (Gunga, médio, viola) – são tocados por mulheres; é uma tradição que está se consolidando nos eventos de mulheres. Nos Encontro ‘Vou dizer a dendê, tem homem e tem mulher<sup>12</sup>’, ‘Encontro de Angoleiras de Natal Iê de iá’, as rodas foram ocupadas pelas mulheres, onde elas cantavam suas músicas, faziam seus jogos e seguravam o berimbau, ditando o ritmo do jogo.

### **Considerações finais**

O grupo Nzinga representa a experiência feminista dentro da capoeira, promove a conscientização das mulheres através dos encontros, acompanhando o movimento do feminismo no Brasil e trazendo suas pautas para a roda de capoeira. Sendo assim, não está deslocado da política e dos aspectos culturais do país, não apenas pensando a capoeira, mas possibilitando que a ginga se espalhe pelo mundo, transformando o silêncio em grito.

Gostaria de destacar que a disseminação do feminismo angoleiro se faz presente na realização de eventos como “Vai dizer a dendê tem homem, menino e mulher” organizado pela mestra Di Angola na cidade de Olinda-PE, o ‘II Gingando por Autonomia’, organizado pela Mestra Gegê, que aconteceu na cidade de Valença, no interior da Bahia, no corrente ano, e o Evento Saberes<sup>13</sup> com o tema ‘Descolonizando a Capoeira’, que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, organizado pela contramestra Tatiana. Portanto, entendo os encontros de capoeira organizados pelas mulheres

---

<sup>11</sup>É como os capoeiristas definem o lugar onde estão os instrumentos. Em muitos grupos a bateria é formada por: reco-reco, agogô, dois pandeiros, atabaque e três berimbaus.

<sup>12</sup>Evento produzido pela mestra Di, Olinda-PE. Foi realizado nos dias 24, 25 e 26 de março, em Olinda, no ano de 2017.

<sup>13</sup>O evento ‘Saberes’ é uma chamada aos capoeiristas e simpatizantes desta arte para integrarem a luta contra o racismo e o sexismo. O evento é um convite a utilizar o espaço da capoeira como um meio de conscientização racial e de gênero a fim de que a capoeira prossiga como movimento libertário e de luta contra as opressões sociais.

feministas como espaços de formação política, destacando uma diferença em relação aos eventos nomeados “femininos”.

O feminismo angoleiro é um movimento que tem se ampliado para outros lugares do mundo, principalmente, pelo fato da capoeira estar presente em mais de 160 países. Contudo, gostaria de afirmar que embora as lutas das mulheres tenham um alcance internacional, ainda há muito o que se mudar. Esses espaços ainda se encontram enrijecidos por grupos que não tem compromisso com a função social da capoeira. Ainda é um desafio afirmar que o feminismo angoleiro já está disseminado em todos os espaços, embora ele esteja presente no interior de cada mulher. Desse modo, se a presença das mulheres nas estruturas de poder é um dado na capoeira, ela não indica, em si, a desmobilização do machismo profundamente arraigado nas equações políticas e hegemônicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Frederico José de; CASTRO, Mauricio Barros de (Org.). **Encontros Capoeira**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Ginga: uma epistemologia feminista**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13º Mundo de mulheres (anais eletrônicos). Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

\_\_\_\_\_. Entrevista. **Revista Toques d’Angola**, Salvador, INCAB, n. 4, nov. 2005.

\_\_\_\_\_. **É preta, Kalunga**: a capoeira angola como prática política entre os baianos: anos 80-90. Ilustração de André Flauzino. Coleção Capoeira Viva, 2. Rio de Janeiro: MC&G, 2015.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOLTRAN, P. “Capoeira é pra homem, menino e mulher”: angoleiras entre a colonialidade e a descolonização. São Paulo, 2017, Sankofa, 10(19), 83-106.

MACHADO, Sara Abreu da Mata. **Baobá na encruzilhada**: ancestralidade, Capoeira Angola e permacultura. Tese de Doutorado defendida no programa de Doutorado Multidisciplinar e Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento da UFBA/Faced. Salvador: UFBA, 2016.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogo de discursos**: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola. Salvador: EDFUBA, 2012.



- MOREIRA, Nubia Regina. **O feminismo negro brasileiro**: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. Campinas: [s.n.], 2007.
- OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira, identidade e gênero**: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil. Salvador: EDFBA, 2009.
- REIS, Leticia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar**: capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Série Feminismos plurais. Belo Horizonte: Letramento/Justificando, 2017.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão popular/ Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- SOMERLATE BARBOSA, Maria José. **Capoeira**: a gramática do corpo e a dança das palavras. Luso-Brazilian Review. Volume 42, Number 1, 2005. University of Wisconsin Press. Disponível em <http://cppa.com.br/attachments/File/Artigos/18230806.pdf>. Acesso em 16 mar. 2016.]
- ZONZON, Christiane Nicole. **Nas rodas de capoeira e da vida**: corpo, experiência e tradição. Salvador: EDUFBA, 2017.